



A CAÇA ÀS BRUXAS DO SÉCULO XX: A PERSEGUIÇÃO E A APROPRIAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS EM “GAROTAS MORTAS”¹

Eliane da Silva – elirodriguesedu@gmail.com

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Unila, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil;

<https://orcid.org/0009-0006-1662-3327>

RESUMO: O romance de não ficção *Garotas Mortas* (2018), de Selva Almada, retrata a história real de três jovens assassinadas na Argentina dos anos 80, casos ainda não resolvidos. O presente ensaio propõe uma análise das reflexões da autora ao reconstruir essas histórias, destacando o papel dos supostos agressores na herança patriarcal de dominação masculina. A obra demonstra como o poder de decidir sobre a vida das mulheres, especialmente as pobres e não brancas, não é mera coincidência, mas resultado de construções históricas dentro de uma lógica capitalista colonial e misógina. A análise aqui proposta tem como objetivo refletir brevemente sobre a obra literária *Garotas Mortas* (2018), relacionando-a às questões das relações sociais de gênero, a fim de destacar as significativas contribuições da obra para o feminismo contemporâneo, especialmente no enfrentamento à cultura do estupro e do feminicídio. A metodologia de pesquisa envolve analisar as reflexões da autora sobre as condições das garotas assassinadas, comparando-as com teorias de gênero para explicar o processo violento que as mulheres são submetidas até se tornarem vítimas de feminicídio. Ao embasar a análise da obra nos textos de Maria Lugones (2020), Silvia Federici (2017) e Maria Clementina Cunha (1989), observa-se que a violência contra a mulher se perpetua como uma herança histórica do poder patriarcal e colonial. Como resultado, a pesquisa destaca a importância de confrontar essas questões para promover processos de conscientização e transformação social, visando contribuir para o enfrentamento às diversas violências desferidas contra as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: feminicídio; patriarcado; violência de gênero; *Garotas Mortas*.

1 INTRODUÇÃO

*A caça às bruxas nunca terminou, mas as mulheres
também nunca deixaram de resistir.*

Silvia Federici

Selva Almada nasceu na cidade de Villa Elisa, província de Entre Ríos, no interior da Argentina, onde permaneceu até os 17 anos. De família de classe média baixa, seus pais se casaram quando muito jovens e tiveram três filhos, sendo ela a filha do meio. A partir de então, cursou o ensino médio para, mais tarde, se mudar para Paraná, capital de Entre Ríos, onde se formou na área de Comunicação e, em seguida, trocou-a pela Licenciatura em Literatura. Por consequência, residiu entre 1991 e 1999 na cidade de Paraná, mudando-se depois para Buenos Aires.

¹ Este trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Bolsa Institucional da UNILA (PROBIU), processo nº 23422.012561/2020-95, e faz parte da pesquisa de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) - PPGLC. A dissertação completa está disponível em <https://dspace.unila.edu.br/server/api/core/bitstreams/aefd66-272e-44bc-94bc-5d22b14df415/content>

Ao se afastar de sua cidade de origem, Almada adquiriu uma nova perspectiva sobre o mundo onde havia crescido, o que lhe deu a oportunidade de contar histórias inspiradas na realidade e na oralidade do meio rural. Ela publicou seus primeiros contos na revista *Análisis*, de Paraná. Entre 1997 e 1998, dirigiu a revista *Caelum Blue*. Seu talento literário ganhou destaque e reconhecimento da crítica em 2012, com o lançamento de sua obra de estreia, *El viento que arrasa*. Este livro foi traduzido e distribuído em países como Espanha, França e Brasil. Em 2019, a obra recebeu o *Prêmio Primeiro Livro* do prestigiado *Festival Internacional do Livro de Edimburgo*. O romance *Ladrilleros* (2013) foi finalista do Prêmio Tigre Juan na Espanha. *Garotas Mortas* (2014), seu romance de não-ficção, foi finalista do *Prêmio Rodolfo Walsh* na *Semana Negra de Gijón* (Espanha) para a melhor obra de não-ficção.

Garotas mortas, o terceiro romance de Selva Almada, tem a sua história concentrada nas lembranças da autora em relação a três casos verídicos de mulheres assassinadas no interior da Argentina, em meados dos anos 80. Fazendo reflexões a partir de gênero e política, Almada faz ligações entre as mortes dessas jovens, Andrea Danne, Sarita Mundin e Maria Luisa Quevedo, com idades entre 15 e 20 anos, com o momento político que a Argentina enfrentava, pós ditatorial. A ditadura argentina ficou marcada pela perseguição de mulheres e foi responsável pela morte e desaparecimento de centenas delas.

Depois de sete longos anos de ditadura, a eleição de um novo presidente, em 11 de dezembro de 1983, é também, por “coincidência”, o mesmo dia em que o corpo de Maria Luísa foi encontrado. É importante dizer que a autora fez questão de destacar esse fato, em uma tentativa de mostrar que a ditadura e, toda essa cultura de violência produzida e reproduzida nela, tem como tendência permanecer no dia a dia, influenciando as relações sociais por um longo período. A autora traz de forma sucinta esse cenário pós ditatorial quando relata o trabalho de busca realizado pela polícia para localizar Maria Luísa, até então desaparecida:

A polícia mal tinha começado as buscas quando, na manhã do domingo, 11 de dezembro, o telefone do Primeiro Distrito tocou. Do outro lado da linha, alguém avisava que havia um corpo num terreno baldio entre as ruas 51 e 28, na periferia da cidade. [...] Nesse domingo, em Buenos Aires, a 1.107 quilômetros dali, naquela hora da manhã ainda ecoavam os festejos populares pela posse de Raúl Alfonsín, o primeiro presidente eleito pelos argentinos após sete anos de ditadura (Almada, 2018, p. 17).

É importante destacar que a obra tem um caráter jornalístico, pois apresenta diversas características de um texto documental. A autora realizou um trabalho investigativo detalhado sobre esses assassinatos, indo além de suas memórias pessoais, o que confere ao texto uma veracidade mais pungente, especialmente ao contextualizar o cenário político do país na época em que ocorreram os crimes. Essas informações ajudam a compreender as relações sociais daquele período, evidenciando como as mulheres

ainda estavam vulneráveis à misoginia cultivada durante a ditadura cívico-militar e que continuava presente em seu cotidiano.

A obra traz várias narrativas abordando assuntos como violência de gênero, vulnerabilidade feminina em contextos autoritários, patriarcado e conservadorismo, em um contexto onde garotas e mulheres são tratadas como propriedade². O cenário da obra se passa na Argentina dos anos 80, como já citado anteriormente, um país recém-saído da ditadura cívico-militar, que tinha nas mulheres um de seus principais alvos de perseguição política e silenciamento. As ditaduras têm uma forte característica de sistematizar a violação dos direitos humanos, e as mais vulneráveis nesse contexto eram justamente as mulheres pobres.

Selva Almada, em sua obra, mostra que foi uma sobrevivente de suas próprias recordações, já que, ao recordar suas lembranças da juventude, mantidas em segredo, em um silêncio quase perturbador por mais de 30 anos, ainda conseguiu se manter lúcida e forte para escrever uma obra contundente. Ter que viver (e conviver) com essas memórias silenciadas por tanto tempo, para a autora, foi como carregar um “fardo”, e esse não era mais o seu objetivo. A obra, escrita em 2014, foi publicada no Brasil apenas em 2018. Nela, se configura um desabafo atrasado pelo trauma, medo e silêncio que tal ambiente misógino impôs a uma mulher como Selva Almada por tantos anos.

A Argentina dos anos 80, onde se passa a história da obra, ainda era uma Argentina marcada pelos vestígios de sua ditadura, um país em processo de redemocratização, mas que ainda exalava ódio e violência, principalmente contra quem ainda estava vulnerável. Seus algozes, que haviam aprendido com o estado de exceção da ditadura, já eram muitos e não mais usariam uma farda, mas continuavam consumidos pelo ódio e pelo machismo. Por isso, apesar da queda do regime, a violência sistemática contra as mulheres argentinas continuava acontecendo.

O propósito deste ensaio é refletir de forma breve a obra *Garotas Mortas* (2018) em conexão com as questões acerca das relações sociais de gênero, com o objetivo de evidenciar as consideráveis contribuições que a obra traz para o feminismo, especialmente no que diz respeito ao enfrentamento do feminicídio. Entende-se aqui, o feminicídio como uma expressão extrema da violência de gênero, resultante do patriarcado e da dominação masculina sobre os corpos femininos. Considera-se nesta análise o feminicídio não apenas como um ato de violência física, mas um fenômeno social profundamente enraizado nas estruturas históricas e culturais do patriarcado.

² Federici (2017) destacou que, no contexto histórico, o corpo feminino foi submetido a uma transformação, tornando-se um instrumento para a reprodução e expansão da força de trabalho, sendo tratado como uma máquina que segue o funcionamento de um órgão e permanecendo fora do controle das mulheres. Além disso, ressaltou o conceito de corpo como propriedade do patriarcado (p. 178).

Para alcançar este propósito, a metodologia adotada consiste em uma análise comparativa das reflexões teóricas de Maria Lugones (2020), Silvia Federici (2017) e Maria Clementina Cunha (1989) em relação às questões de gênero abordadas na obra literária *Garotas Mortas* (2018). Essas teóricas oferecem contribuições significativas para a análise literária voltada às questões de gênero, especialmente ao destacar a herança histórica do patriarcado no que tange à violência contra as mulheres e à influência do poder masculino sobre os corpos femininos dentro do contexto capitalista contemporâneo.

Analizando a obra *Garotas Mortas* é possível perceber como essa violência é perpetuada e normalizada dentro de um contexto capitalista, onde o poder masculino exerce controle sobre as mulheres. Neste sentido, a obra pode contribuir significativamente para o feminismo, desafiando e expondo a cultura do estupro e o feminicídio, oferecendo uma crítica incisiva das relações de gênero e da violência sistemática contra as mulheres.

2 A QUEM PERTENCE OS CORPOS DAS MULHERES?

Segundo Silvia Federici (2017), durante a Idade Média e o processo de implantação do capitalismo na sociedade, o genocídio das "bruxas" e os frequentes feminicídios na era moderna foram motivados pela persistência da cultura de perseguição e controle em relação ao gênero feminino (Federici, 2017). Os inquisidores não visavam eliminar a magia ao acender as chamas, mas sim a própria condição feminina, e através disso, realizar o controle social em prol da manutenção do poder masculino. Dessa mesma forma, os agressores contemporâneos não buscam exterminar o adultério ou a "desobediência", mas sim as chances das mulheres de se constituírem como sujeitos emancipados e autônomos.

Segundo Maria Lugones (2020), em seus estudos sobre colonialidade e gênero, a misoginia, a perseguição e a tentativa de dominação dos corpos femininos na modernidade é resultado de um processo herdado e reforçado ao longo da história, sendo transferidos culturalmente e impostos aos países colonizados durante a colonização das Américas (Lugones, 2020).

A obra *Garotas Mortas* (2018) retrata essa cultura misógina de forma particular, enfatizando a normalidade com que essas questões de violência de gênero são tratadas na sociedade, assim como o papel das questões políticas em reforçar esse cenário de terror para as mulheres pobres. Existe uma crença arraigada de que o corpo feminino é uma propriedade do Estado, da Igreja e dos empregadores, seguindo os princípios do pensamento capitalista. Consequentemente, as mulheres não apenas têm negado o direito à sua própria fertilidade, mas também o direito de consentir ou recusar o contato íntimo com estranhos. Além disso, não apenas lhes é negado o direito de rejeição, mas também o direito de resistir a um sistema que desvaloriza suas vidas.

A autonomia pessoal, algo fundamental, também é negada às mulheres, que se veem subjugadas à vontade de empregadores. A beleza, juventude, trabalho árduo e potencial reprodutivo são tratados como mercadorias, com seu valor determinado pela economia. Quando tentam resistir, os empregadores muitas vezes tentam explorar a luta para obter lucro. Se as mulheres são derrotadas, seu valor diminui e seus direitos são desconsiderados pelas autoridades e empregadores.

Em seu livro *Calibã e a Bruxa* (2017), Silvia Federici discute a influência do capitalismo na perpetuação do poder masculino sobre as mulheres, como na caça às bruxas, especialmente as não brancas. Federici (2017) destaca a importância de abordar o capitalismo sob a perspectiva de gênero, considerando que as mulheres são exploradas para a acumulação de capital, tratadas como commodities responsáveis pela fertilidade. Sob essa estrutura social, as mulheres foram politizadas e padronizadas, sendo culpabilizadas por expressar sua individualidade e desejos sobre seus próprios corpos:

Não podemos, portanto, identificar acumulação capitalista com libertação do trabalhador, mulher ou homem, como muitos marxistas (entre outros) têm feito, ou ver a chegada do capitalismo como um momento de progresso histórico. Pelo contrário, o capitalismo criou formas de escravidão mais brutais e mais traiçoeiras, na medida em que implantou no corpo do proletariado divisões profundas que servem para intensificar e ocultar a exploração. É em grande medida por causa dessas imposições – especialmente a divisão entre homens e mulheres – que a acumulação capitalista continua devastando a vida em todos os cantos do planeta (Federici, 2017, p. 27).

Ao longo da história, mulheres que desafiaram o *status quo*³ — solteiras, parteiras, camponesas ou artesãs — foram severamente perseguidas e sujeitas a diversas formas de atrocidades, como tortura, queima na fogueira ou afogamento sob acusação de bruxaria (Federici, 2017). Com a criação dessa divisão dos corpos, de interesse capitalista, de bagagem, as mulheres receberam a herança misógina de um corpo subjugado e inferiorizado intelectualmente, e também racializado, já que as mulheres expostas a esse sistema de trabalho eram em sua maioria mulheres não brancas. Em *Garotas Mortas*, Selva Almada faz essa relação dos corpos não merecedores de proteção, explorados pelo subemprego e expostos a todo tipo de violência, quando faz o relato sobre o assassinato de Maria Luisa, garota de apenas 15 anos que saiu para trabalhar e foi encontrada morta em um terreno baldio após violação e espancamento brutais:

María Luisa abriu os olhos e se sentou na cama, pronta para se levantar e ir até a casa da família Casucho. Fazia pouco tempo que começara a trabalhar lá, como empregada doméstica.[...] A família Casucho morava no centro de Sáenz Peña, e María Luisa percorria a pé as cerca de vinte quadras até lá. [...] Estava contente com seu primeiro emprego. Entrava cedo, por volta das sete, e saía às três da tarde, depois de lavar a louça do almoço (Almada, 2018, p. 13).

³ manter o *status quo* significa que a intenção é manter o atual cenário, situação ou condição.

Maria Lugones (2020) em sua teoria sobre colonialidade e gênero, a qual aborda a intersecção entre gênero, raça e classe na perpetuação da opressão, podemos destacar o caso de Maria Luísa, uma jovem solteira e pobre, que levada pela necessidade financeira, aceita um emprego como empregada doméstica em um local distante de sua residência, exemplificando a exploração do trabalho feminino. Lugones ainda frisa que “toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade” (Lugones, 2020, p. 60). A ausência de uma figura masculina protetora aumenta sua vulnerabilidade a abusos e violências. A condição de Maria Luísa, jovem, pobre e proletária, ilustra como a colonialidade de gênero desvaloriza corpos femininos marginalizados, perpetuando estruturas coloniais opressivas e expondo-a à exploração e abusos de homens em posição de poder (Lugones, 2020).

Ainda neste contexto, Federici (2017) evidencia que, no mundo capitalista, o corpo feminino é tratado da mesma maneira que os trabalhadores assalariados são tratados nas fábricas: como um terreno de exploração e resistência. O Estado e os homens exercem controle sobre o corpo feminino, impondo a ele o objetivo de reprodução e acumulação de trabalho. Por esta razão, é justificável o destaque concedido às diferentes facetas do corpo, tais como maternidade, parto e sexualidade (Federici, 2004).

Na obra literária, logo na introdução, Almada relata o seu primeiro encontro com a triste história de Andrea Danne, cuja vida foi ceifada dentro de sua própria residência durante o sono, pelo golpe de uma faca no coração: “Eu tinha treze anos e, naquela manhã, a notícia da garota morta me chegou como uma revelação. Minha casa, a casa de qualquer adolescente, não era o lugar mais seguro do mundo. Você podia ser morta dentro da sua própria casa. O horror podia viver sob o mesmo teto” (Almada, 2018, p. 12).

A autora utiliza o caso de Andrea para desfazer o estereótipo de que “o perigo se encontra fora de casa”, revelando como a instrução moralista dirigida às meninas pode ser falsa, desfazendo qualquer entendimento de que Maria Luísa foi morta porque estava na rua:

Os estupradores eram sempre homens desconhecidos que agarravam uma mulher e a levavam para o mato, ou que entravam em sua casa forçando uma porta. Desde pequenas nos ensinavam que não devíamos falar com estranhos e que devíamos tomar cuidado com o Tarado. [...] Nunca ninguém falou que você podia ser estuprada pelo marido, pelo pai, pelo irmão, pelo vizinho, pelo professor. Por um homem em quem você tem toda a confiança (Almada, 2018, p. 36-37).

É superficial pensar que a violência contra as mulheres na América Latina é simplesmente resultado de um estado temporário de violência, uma vez que essas violências são, na verdade, uma herança misógina do modelo de sociedade eurocêntrica. Esse modelo, por sua vez, herdou do período

feudal e medieval o patriarcado, juntamente com todas as formas de desprestígio dirigidas às mulheres. Por séculos, fomos subjugadas, inferiorizadas intelectualmente, violentadas sexualmente, agredidas fisicamente e psicologicamente, e perseguidas simplesmente por sermos biologicamente diferentes dos homens. Sob o pretexto de “corpos biologicamente diferentes”, as mulheres foram socialmente fragilizadas pela cultura machista e misógina imposta por esse modelo de sociedade (Federici, 2017).

Conforme Federici (2017), na lógica capitalista eurocêntrica, a mulher, para ser protegida das violências, deve casar-se e permanecer dedicada ao lar desde muito jovem; caso contrário, seu corpo não seria digno de respeito e proteção. Isso ficou evidente no tratamento dado às mulheres consideradas bruxas no século XVI, quando se julgava uma bruxa como “uma mulher estereotipada, fraca de corpo e mente e biologicamente inclinada ao mal” (Federici, 2017, p. 104). Da mesma forma, aconteceu com as mulheres consideradas loucas no início do século XX, conforme citado por Maria Clementina Cunha (1989):

A crença em uma inferioridade “natural” marca todas as histórias de mulheres em situação de internamento. Essa inferioridade estaria inscrita diretamente em seus corpos, em sua natureza biológica que lhes definiria um papel social subordinado. Nesta medida, a loucura nas mulheres aparece como algo diverso e mais transgressivo do que nos homens [...] geralmente na esfera da vida privada, dominadas pelas questões do corpo e da família (Cunha, 1989, p. 128-129).

Em *Garotas Mortas*, Almada reitera que o feminicídio representa a forma mais extrema de violência contra as mulheres, tanto física quanto moral, não se distanciando das atrocidades que as mulheres têm enfrentado ao longo da história. Isso é evidenciado nas justificativas da sociedade para perseguir e queimar as “bruxas” na fogueira, assim como para internar uma mulher considerada “louca” em um hospício. Nos outros casos de feminicídio abordados na obra, também há essas “justificativas” para validar a morte das vítimas aos olhos da sociedade.

Por exemplo, Sarita Mundin estava envolvida com um homem muito mais velho, casado e pai de quatro filhos. Mesmo com relatos de testemunhas indicando quem a havia buscado na tarde em que desapareceu, nada foi feito. A negação do homem foi suficiente para validar sua inocência, afinal, um homem branco e burguês nunca teria sua palavra questionada. A obra apresenta uma literatura que retrata a perpetuação dessa cultura de dominação e exploração, especialmente em relação ao corpo feminino. Embora se manifeste de maneiras diversas, essa cultura permanece profundamente enraizada nos dias de hoje:

Essas cenas conviviam com outras menos chamativas: a mãe de uma amiga que não se maquiava porque o marido não deixava. Uma colega de trabalho da minha mãe que todo mês entregava o salário inteiro ao marido, para que ele o administrasse. Outra que

não podia visitar a família porque o marido achava que os parentes dela não tinham nível. Outra que era proibida de usar sapatos de salto alto porque isso era coisa de puta (Almada, 2018, p. 37).

Lembrando mais uma vez o caso de María Luisa Quevedo, de apenas 15 anos, o que nos remete à normalização do abuso sexual e do feminicídio, evidenciando como uma comunidade pode agir de maneira coesa e desavisada para amparar tal forma de violência, principalmente quando os homens suspeitos fazem parte de estruturas políticas e econômicas de influência. No dia 8 de dezembro de 1983, María Luisa deixou sua casa para cumprir sua jornada de trabalho como empregada doméstica em uma residência na cidade de Presidente Roque Sáenz Peña. Infelizmente, três dias após sua saída, seu corpo foi descoberto num terreno baldio, sendo constatado que ela fora violentada e estrangulada. Até o presente momento, nenhum indivíduo foi responsabilizado pelo homicídio. Na obra *Garotas Mortas*, partindo do ponto central, expõe-se de maneira realista o ódio às mulheres contido no abuso e violação de seus corpos, tal como o ocorrido com a jovem atacada por dois rapazes que utilizaram até mesmo uma garrafa para violentar sua integridade.

A construção social das representações de gênero ao longo da história tem sistematicamente desfavorecido as mulheres, perpetuando estereótipos e papéis que limita suas oportunidades enquanto valorizam características tradicionalmente associadas aos homens. Nesse contexto, o ódio dirigido às mulheres não é um fenômeno isolado, mas uma consequência intrínseca dessa construção social mais ampla. Esse ódio não apenas reflete, mas também reforça as hierarquias de poder e as normas de comportamento que privilegiam os homens e marginalizam as mulheres. Ele contribui para um ciclo de discriminação e violência de gênero, culminando em consequências severas como o feminicídio.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste ensaio, há uma tentativa de explorar as diversas manifestações da violência contra as mulheres presente na obra de Almada, demonstrando que o feminicídio — ou o assassinato sistemático de mulheres em função de sua identidade de gênero — é uma consequência direta da cultura do medo, que posiciona o homem como o possuidor e a mulher como um objeto para ser manipulado e controlado. É possível compreender como a história e as instituições sociais contribuíram para estabelecer a violência contra as mulheres, baseando-se na ideia de propriedade privada estabelecida pelo sistema capitalista.

A libertação das mulheres a partir do corpo e das vozes femininas exige um processo de recuperação da sexualidade, dos territórios que são mantidos em segredo, por meio da relação inabalável da mulher com as suas próprias capacidades. Cixous (2017) compartilha o pensamento de Almada de que as mulheres são muitas vezes privadas da liberdade de conhecer e explorar o seu próprio corpo, tendo a culpa como pano de fundo.: “ culpada de tudo, todas as vezes: de ter desejos, de não ter; de ser frígida,

de ser “quente” demais; de não ser os dois ao mesmo tempo; de ser demasiadamente mãe ou não o suficiente; de ter filhos e de não ter; de amamentar e de não amamentar” (Cixous, 2017, p. 133).

Por meio dos estudos sobre a história feminina e do feminismo, observa-se como a cultura patriarcal, que submete as mulheres à condição de mera propriedade, foi moldada e difundida ao longo do tempo, persistindo até os dias atuais. A narrativa da violência contra as mulheres, com o feminicídio como seu extremo, revela a invasão dos corpos femininos pelos homens, sustentada por estruturas que visam manter uma sociedade baseada na propriedade privada.

Em *Garotas Mortas*, Selva Almada concentra-se em narrativas que refletem os riscos inerentes à condição feminina, destacando que o assassinato de mulheres não é um evento isolado, mas sim o resultado de uma longa história de dominação patriarcal. A obra não apenas identifica e condena a presença desse sistema político-ideológico que agride e restringe os corpos das mulheres, mas também serve como uma ferramenta de emancipação incentivando a expressão feminina e a ação contra a violência de gênero. Ao trazer as mulheres de volta à escrita e à história, Almada segue o chamado de Cixous para quebrar o distanciamento entre as mulheres e seus corpos, promovendo o movimento e a ação feminina.

Garotas Mortas inspira reflexão e denúncia consciente, desafiando-nos a repensar os contextos sociais que perpetuam o sofrimento e a violência contra as mulheres. Ao retratar a Argentina dos anos 80, um país recém libertado de uma ditadura militar, a obra expõe a vulnerabilidade das mulheres, especialmente aquelas das classes mais baixas durante períodos de autoritarismo. Apesar das imagens chocantes, o livro oferece esperança ao se tornar um símbolo da força feminina através da escrita, permitindo que as mulheres superem os estereótipos de gênero e reivindiquem seus corpos e sexualidades, e, principalmente, seu direito de viver sem violência apenas por serem mulheres.

REFERÊNCIAS

ALMADA, S. *Garotas Mortas*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Todavia, 2018.

CIXOUS, H. O riso da medusa. Trad. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. In: BRANDÃO, I. (org.) *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis, EDUFAL, 2017.

CUNHA, M. C. P. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, ago./set. 1989.

FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. *Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais*. Trad. Pê Moreira, Bárbara Martins, Bruna Mendes, Cristine Carvalho, Igor Ojeda, Juliana Araújo e Juliana Luz. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 53-83.

Title

The 20th century witch hunt: the persecution and appropriation of female bodies in *Dead Girls*.

Abstract

The non-fiction novel *Garotas Mortas* (2018), by Selva Almada, portrays the true story of three young women murdered in Argentina in the 1980s, cases still unsolved. This essay proposes an analysis of the author's reflections when reconstructing these stories, highlighting the role of supposed aggressors in the patriarchal legacy of male domination. The work demonstrates how the power to decide on the lives of women, especially poor and non-white women, is not a mere coincidence, but the result of historical constructions within a colonial and misogynistic capitalist logic. The objective of this essay is to briefly reflect on the literary work, relating it to issues of social gender relations, in order to highlight the significant contributions of the work to contemporary feminism, especially in confronting the culture of rape and femicide. The research methodology involves analyzing the author's reflections on the conditions of the murdered girls, comparing them with gender theories to explain the violent process that women face until they become victims of femicide. When basing the analysis of the work on texts by Maria Lugones (2020), Silvia Federici (2017) and Maria Clementina Cunha (1989), it is observed that violence against women is perpetuated as a historical legacy of patriarchal and colonial power. As a result, the research highlights the importance of confronting these issues to promote processes of awareness and social transformation, aiming to contribute to combating violence against women.

Keywords

feminicide; patriarchy; gender violence; *Dead Girls*.

Recebido em: 02/04/2024

Aceito em: 12/07/2024